



# XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

## DA MELANCOLIA COMO CATEGORA CRÍTICA AOS PROCESSOS PSICOSSOCIAIS DA FORMAÇÃO DE GÊNERO

Autor: Francisco Felipe Paiva Fernandes

Universidade Federal de Campina Grande: [fellipaiva@hotmail.com](mailto:fellipaiva@hotmail.com).

**Resumo do artigo:** O presente trabalho tem como objetivo discutir as críticas e contribuições que a Teoria *Queer* de Judith Butler proporcionam as noções foucaultianas, freudianas e lacanianas na compreensão dos quadros identificatórios e subjetivos atuantes na contemporaneidade no que concerne ao conceito de gênero. Tanto a genealogia de Michel Foucault quanto a Psicanálise apresentam tensões e problemas no que se referem as suas respectivas apreensões diante dos processos de assujeitamento dos corpos, ou seja, atinentes a forma tal qual pensam as condições discursivas determinantes na regulação e constituição do sujeito. A maneira como Butler pretende avançar ao propor uma crítica e aproximação das referentes teorias objetiva contribuir para a reapropriação de um pensamento crítico que possibilite uma transformação das condições de sociossimbólicas do poder, assim como elaborar estratégias a nível clínico que desconstrua conceitos operadores delimitados por uma matriz heterossexual compulsória.

Palavras-chave: Judith Butler, Foucault, Psicanálise, Teoria Crítica

### INTRODUÇÃO

Nossa leitura da obra de Butler nos revela duas articulações principais a serem elaboradas: a primeira em torno do assujeitamento e produção discursiva do sujeito que encontraríamos em Foucault e sua incapacidade, ou limite teórico em delimitar, ou explicar a forma psíquica em que subjaz o poder, o que nos leva ao segundo ponto que elucida a importância que a psicanálise ocupa para o panorama da Teoria *Queer*. Isto é, uma teoria do sujeito (e da resistência) bem formulada, mas que sofre, todavia, de um caráter binário criando uma necessidade de uma reformulação crítica da mesma. Assim, desde a publicação de *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade* (2003), a radicalidade do projeto butleriano reside em pensar uma teoria do sujeito que admita a legitimidade de uma concepção de psiquismo engendrada pelas diversas formas de materialização dos ideais



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

regulatórios discursivos das profusões matriciais da performatividade do poder, mas que afirme a capacidade de resistência ética, estética e política a esses mesmos sistemas.

O ponto nevrálgico, portanto, de sua argumentação reside no exame da categoria de Melancolia tal como canonicamente foi estabelecida por Freud no seio da experiência clínica. Destarte, o conceito de Melancolia permite duas estratégias teóricas de suma importância: repensar a teoria da subjetividade em Foucault, principalmente do arco que liga *Vigiar e Punir* (1997) e *História da Sexualidade vol. I* (2011) e, no mesmo ato, fazer emergir Foucault no interior da psicanálise promovendo uma crítica especialmente a textos como *Introdução ao Narcisismo* (1990) de Freud e sua releitura, tal como efetuada por Lacan em *Estádio do espelho como formador do eu, como nos revela a experiência analítica* (1999), reformulando princípios epistemológicos ainda condizentes com ideais regulatórios e românticos. Do ponto de vista da práxi psicanalítica contemporânea, essa reflexão é de uma importância inestimável, na medida em que é notório que grande parte dos objetos de estudo em psicanálise excluíram e desqualificaram os debates em torno das novas categorias de gênero, se afastando, por conseguinte, dos debates teóricos e políticos existentes, colocando, por sua vez, as questões, por exemplo, dos transgêneros como um redimensionamento factual de mecanismos considerados formadores da psicose.

### FUNADAMENTOS TEÓRICOS E EPISTEMOLÓGICOS

Em *Mecanismos psíquicos del poder* (2014) Butler realiza um retorno a problemas fundamentais da teoria crítica do ocidente indagando continuamente autores como Hegel, Nietzsche, Althusser, Freud e Lacan com a seguinte pergunta: é possível elaborar uma teoria psíquica consubstancial a uma prática do poder como subjetivação, mas que possibilite estratégias de resistência e ressignificação não tão pura e simplesmente individual, mas política? A conclusão de Butler é que em todos esses autores por mais diversos que possam parecer, eles diagnosticam uma similaridade: a ambiguidade entre a coerção ou determinação externa da ordem simbólica como condição *sine qua non* para a constituição do sujeito.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Em Hegel a formação da consciência desventurada do escravo se dá através da inoculação de ideais éticos e morais do Senhor. A recuperação da dialética hegeliana do senhor e do escravo é capital para Butler, na medida em que ela nos ajuda a compreender o processo moderno de docilização do indivíduo, reproduzida na matriz ocidental patriarcal e, por conseguinte, nas relações entre homens e mulheres. A lógica se configura da seguinte forma: o mestre nega o seu próprio corpo aparecendo como desejo desencarnado, obrigando, portanto, o escravo a atuar como se fosse o seu corpo. Assim, escravo moderno, de acordo com Hegel, tem de agir como se parecesse autônomo e não submetido ao mestre. Esse raciocínio deverá ser aplicado para explicação do *modus operandi* da epistemologia falocêntrica que regulamenta as trocas simbólicas entre masculino e feminino. A mulher constitui sua identidade de gênero a partir de sua relação com homem (seu ser seria apenas formado pela identificação com o imaginário que habita o patriarcado), pois sua posição em seu “ser” seria nada mais do que a incorporação fantasística com um imperativo exterior no caso o próprio homem. A mulher nunca pode de fato pertencer totalmente à ordem simbólica patriarcal que lhe é por definição imposta, mas deve agir como se fosse.

A retomada dessa parábola é realizada por Nietzsche em *Genealogia da Moral* (1998) a partir das figuras da consciência e má-consciência, na qual o sujeito toma a si mesmo como objeto reflexivamente de culpa e autocensura. Para o filósofo a culpabilidade decorre do sofrimento intrasubjetivo do não cumprimento de imperativos éticos e morais impostos socialmente. A consciência é essa perpetua vigilância vivissectória em torno das funções, desejos e normas, gerando uma cristalização de lamúrias contra si, a má-consciência. A interpolação ideológica de Althusser (1985) insere-se, também, nesse grande projeto crítico moderno em torno da radioscopia da subordinação. Instaurando a posição do sujeito quando nomeado (interpolado) por uma agência estatal, como por exemplo, na voz policial que pretende nomear um indivíduo como criminoso determinando as condições sociais de seu reconhecimento.

De acordo com Butler, Foucault é uma espécie de herdeiro desse panorama teórico, pois trata da Alma moderna como a prisão que subjetiva e individualiza os corpos. *Vigiar e*



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

*Punir* (1999) deve ser concebido não apenas como uma análise dos mecanismos discursivos que domesticam os corpos no interior da prisão, mas como práticas disciplinares socialmente complexas que ultrapassam os limites puramente institucionais, que objetivam elucidar quais processos de subjetivação responsáveis pela produção de normas e disciplinas que acabam por operar na sujeição dos corpos e ao mesmo tempo as condições de resistência ao poder. Se Foucault efetivamente não consolidou as condições de resistência ao poder, Butler promoverá a linhas possíveis de transformações sociais.

A noção de resistência será pensada a partir das divergências e posicionamentos entre Foucault e Freud (Lacan). Para o primeiro, é a multiplicidade discursiva que normaliza e, ao mesmo tempo, cria as condições de resistência ao poder, pois a noção de repressão em seu objetivo último fracassa na medida em que ela própria se torna sexualizada. Para o segundo, a ordem simbólica é condição unidirecional do sujeito e o único tipo de resistência possível estaria vinculada aos processos superficiais de formação imaginária de nosso Eu, resultado: a perspectiva foucaultiana aponta ainda que vacuamente para uma interrogação sobre os ideais discursivos que regulam o campo e a materialidade das identidades.

Já para a psicanálise, a partir do estruturalismo, a ordem simbólica é imutável devendo o sujeito caminhar no progresso de seu reconhecimento, ou seja, se desfazer dos empecilhos imagéticos que o impedem fazer laço social sem, no entanto, questioná-los. Se o sujeito é essa tensão entre determinação e assunção pelas vias do poder, como explicar o motivo do mesmo está, muitas vezes, apaixonadamente vinculado em sua própria determinação, amorosamente enlaçado a sentimentos de autopunição? Em primeiro lugar, se Foucault concebe o psiquismo como um efeito encarcerador a serviço da normalização, como *explica a resistência psicológica a dominação* (p.100)? É aqui que o conceito de Melancolia será pensado por Butler retirando-o de seu uso habitual e clínico para entendermos os processos psicossociais da produção do circuito da melancolia como parte *do funcionamento do poder regulador* (p.158)

Detendo-se na obra freudiana e, particularmente, nos textos *Luto e Melancolia* (1990) e *Ego e Id* (1990), Butler detectará toda a problemática resultante para o funcionamento





## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

psíquico da perda externa de objetos ou ideais pelos quais o sujeito está amorosamente vinculado. No primeiro, Freud tenta estabelecer uma diferenciação entre os dois processos psíquicos, a Melancolia reside no apego ao objeto (ideal) perdido. Apego esse que não pode ser reconhecido ou narrado, enquanto o Luto é a sua superação dialética impondo uma simbolização ou a construção de significações sobre a perda, entretanto essa separação de cunho fenomenológico não se apresenta tão objetivável em suas postulações, o próprio Freud parece hesitante em sua demarcação, o que o leva a não conseguir, por fim, determinar onde começa a Melancolia e termina o Luto. O *Ego e o Id* é a retomada freudiana do problema, mas de outro ângulo. Em vez de se deter na diferenciação teórica, adota a Melancolia como processo fulcral na determinação do Eu, base para a assunção das identificações. O Eu, portanto, além de ser o centro pelo qual orbita as condições necessárias para identificação, é, além de tudo, corporal, ou seja, a identificação ou identificações que formam o Eu se dão, por um lado, pelas perdas de vínculos amorosos que o sujeito não consegue ultrapassar e muito menos simbolizar mantendo-as como parte integrante do Eu, por outro, o corpo ou a identidade de gênero engendrada é fruto dessas perdas não reconhecidas, não narradas. O gênero e sua identidade é resultado, por conseguinte, de processos Melancólicos nos quais existe vínculo ou laços sociais amorosos que são excluídos para que a identidade de gênero fantasmaticamente se apresente.

É precisamente neste ponto crucial e pouco perceptível dos antagonismos da proposta foucaultiana e psicanalítica que residirá, em parte, o trabalho de Judith Butler. Seu mote é pensar a sujeição, bem como a formação da identidade de gênero em seus respectivos processos de reconhecimento social, através da materialidade de práticas que excluem e impedem que vínculos amados e perdidos possam ser publicitados. Para a autora, nossa cultura é predominantemente melancólica incitando e reiterando ativamente processos melancólicos que não ousam dizer seu nome. A Melancolia é um marco teórico necessário para compreendermos os mecanismos sociais que engendram as regulações psíquicas, é ela que cria os espaços externos e internos, o social e o individual. A consciência, expressão de nossa individualidade, é um efeito resultante de regulações sociais que impedem que vínculos



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

e laços sociais não possam ser significados. Na descrição freudiana, o Eu, fruto de perdas e frustrações de vínculos, dirige a si mesmo uma crítica através da formação da consciência. Assim, em vez de travar uma luta política contra as regras discursivas socialmente engendradas, a Melancolia desloca o problema do âmbito social para a própria subjetividade que é insistentemente criticada e ultrajada.

Curiosamente, o moralismo psicológico parece ser o índice de seu próprio luto e cólera ilegível. Desta forma, temos que restabelecer a relação entre melancolia e vida social, não devemos medi-la considerando as autoacusações da consciência como internalizações miméticas das censuras lançadas pelas instâncias sociais de proibição. Pelo contrário, existem formas de poder social que regulam as perdas que podem ser ou não choradas: o repúdio social do luto pode ser o que alimenta a violência interna da consciência (BUTLER, 2014, p. 197).

A Melancolia, em nossa interpretação, é o conceito essencial para Butler e para Teoria *Queer*, pois, derivado de uma relação teórica extremamente complexa, envolve estratégias essenciais tangenciando as imbricações entre psiquismo e teoria do poder. A noção de ato performático adquire facetas teóricas imprescindíveis para pensarmos o conceito de gênero: pois muito além e aquém de ser pensado simplesmente como uma construção social ou como um mero teatro, a performatividade de gênero só adquire sentido quando compreendemos os processos reiterativos num *a posteriori* temporal imbricados que excluem e impedem que vínculos, amores e laços possam ser elaborados, reconhecidos e chorados. Assim, muito além de ser uma simples construção, a melancolia de gênero é justamente o seu oposto, ela lhe é consubstancial aos rechaços e exclusões operadas pela civilização. O ato só pode ser performático quando interpreta as supressões minimalistas que percorrem metonimicamente as texturas sociais, desmontando-as de dentro, desconstruindo seus fundamentos ontológicos e teleológicos.

Em *O Clamor de Antígona* (2014), Butler ilustra como os processos que formam a Melancolia podem ser enfrentados, utilizando, de forma exemplar, a atualização um dos maiores épicos da antiguidade ocidental. Antígona de Sófocles ao recolocar a personagem no



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

limítrofe entre as relações de parentesco e estado, articulando uma nova leitura da narrativa ao mesmo tempo desconstrói e problematiza as relações entre as esferas familiares e políticas em torno das nuances da Melancolia de gênero. A peça, que foi analisada, também, por Hegel em *Fenomenologia do espírito* e Lacan no *Seminário VII, A ética da psicanálise*, Antígona bem como sua tragédia, demonstram a intrincada relação que a Melancolia estabelece com os regimes de poder. Nessa ficção, existe um aparente confronto entre Antígona, que representaria o lugar feminino, e Creonte, representante da Lei patriarcal. Filha da relação incestuosa proporcionada por Édipo, Antígona deseja enterrar seu irmão Polinice que morrera por causa da disputa pelo lugar de rei em Tebas, ocasionando a ele – e ao seu corpo – o veto aos rituais fúnebres de um cidadão grego. Com a proibição imposta por Creonte impedindo que os rituais fúnebres fossem realizados, Antígona se rebela contra a Lei que imporá a Melancolia pelo objeto amado perdido, isto é, o sofrimento que deveria ser posto em níveis individuais é levado ao nível mais alto da esfera pública. Com esse ato, são as próprias categorias de homem e mulher que são colocadas à prova, posto que no decorrer da peça, a luta de Antígona faz vacilar os lugares e posições de gênero ocupados pelas personagens, assim como a maquinaria entre o estado e as próprias relações familiares.

### CONCLUSÃO

A psicologia e a psicanálise bem podem retomar as reflexões epistemológicas e desconstrucionistas inauguradas por Butler. Seu fardo histórico, um saber constituído nas malhas da disciplina moderna como ilustra Foucault, se constroem entre matrizes que, pleiteando a cientificidade, premeditam a adaptação do homem à sociedade, promovendo e produzindo a Melancolia, que paradoxalmente deseja combater, ou de humanismo romântico, que em seu zênite liberatório fia-se num profundo desconhecimento dos processos discursivos que o constroem.

Determinando os limites da análise foucaultiana – sua não problematização da forma como o psiquismo inocula os registros de poder – isto é, falta a ele uma teoria que relacione o



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

processo de assujeitamento que restringe e produz o sujeito com os estados de subjetivação psíquica do poder, esta é a falha fundamental do edifício foucaultiano, na qual procura solucioná-las a partir do recrutamento de uma série de conceitos e aparelhos teóricos que cortam a filosofia de Hegel (dialética do senhor e do escravo), o marxismo de Althusser (a noção de interpolação) e a psicanálise de Freud e Lacan (morfogênese do imaginário e a melancolia de gênero). A resolução dessa problemática deve advir da própria psicanálise freudiana que possui, de acordo com o crítico de arte Hal Foster em seu livro *O retorno do real* (2014), a melhor e mais crítica teoria do sujeito. No decorrer de sua obra, Butler aponta esses diversos aspectos que perpassam a melancolia de gênero, a matriz heterossexista estrutural da Lei, a morfogênese falologocêntrica do narcisismo e do imaginário psicanalítico que no espaço do atual texto seria impossível abordá-los em sua totalidade. Assim, para um projeto político de resistência faz-se necessário pensar uma teoria do sujeito que não fuja de suas ambiguidades (ele é produto do discurso, mas pode se posicionar contra o mesmo) e escape da heteronormatividade binária que respalda os argumentos psicanalíticos.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de estado*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.
- \_\_\_\_\_. *O clamor de Antígona: entre estado e parentesco*. Florianópolis: UFSC, 2014
- \_\_\_\_\_. *Mecanismos psíquicos del poder*. Buenos Aires: Catedra, 2014.
- LACAN, Jacques. *De um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- FOSTER, Hal. *O retorno do real*. Rio de Janeiro, Cosacnaify, 2014.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: história da violência das prisões*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- \_\_\_\_\_. *História da Sexualidade: a vontade de saber*. Petrópolis: Vozes, 2012.





## **XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES**

FREUD, Sigmund. (1923). O Ego e o Id. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

NIETZSCHE, Fredrich. Genealogia da moral: uma polêmica. São Paulo: Companhia das letras, 1998.